

Educação Musical Internacional e Comparada: uma introdução

José Nunes Fernandes

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Brasil

Resumo: O tema deste artigo é a Educação Musical Internacional e Comparada, pouco conhecida no campo da educação musical brasileiro. Define-se Educação Comparada e mostra-se seus usos e funções. Este não é um estudo comparativo, que compara sistemas nacionais de educação e os aspectos geográficos e a situação político-econômica dos locais envolvidos. Pretende-se apenas contribuir com a área, tendo em vista que são poucas as pesquisas e estudos no campo internacional, e no Brasil eles não existem. Assim, objetiva-se apresentar para a comunidade brasileira o campo da Educação Musical Internacional e Comparada. Acreditamos que seja de extrema importância para qualquer professor de música conhecer aspectos destes campos, já utilizados por alguns teóricos e pesquisadores da educação musical no exterior.

Palavras-chave: Educação Musical Internacional. Educação Musical Comparada. Método Comparativo.

International and Comparative Music Education: an Introduction

Abstract: The theme of this article is the International and Comparative Music Education, little known in the field of Brazilian music education. It is defined as Comparative Education and shows its uses and functions. This is not a comparative study, which compares national systems of education and geographical aspects and the political-economic situation of the places involved. It is intended to contribute only to the specific area, given that there aren't many researchs and studies in the international field, and in Brazil they do not exist. Thus, it aims to present for the Brazilian community the field of International and Comparative Music Education. We believe it is extremely important for any music teacher to know aspects of these fields, already used by some theorists and researchers in music education abroad.

Keywords: International Music Education. Comparative Music Education. Comparative Method.

Educación Musical Internacional y Comparada: una Introducción

Resumen: El objeto de este artículo es la Educación Musical Internacional y Comparada, poco conocida en el campo de la educación musical brasileña. Se define Educación Comparada y se demuestra sus usos y funciones. Este no es un estudio comparativo, que compara los sistemas nacionales de educación y los aspectos geográficos y la situación político-económica de los locales involucrados. Su único objetivo es contribuir con el campo, ya que hay poca investigación y estudios en el ámbito internacional, y en Brasil que no existen. Por lo tanto, se presenta en este documento para la comunidad brasileña sobre la Educación Musical Internacional y Comparada.. Creemos que es muy importante para cualquier profesor de música conocer los aspectos de estos campos, ya utilizados por algunos teóricos e investigadores de la educación musical en el extranjero.

Palabras clave: Educación Musical Internacional. Educación Musical Comparada. Método comparativo.

Definições e indefinições

Diferente de muitos autores, associo aqui a Educação Internacional e a Educação Comparada, uma vez que a maioria dos estudos comparativos, na sua origem e até hoje, tratam de investigações sobre nações distintas e a comparação de alguns temas pertencentes à educação dessas nações, i.e., suas semelhanças e diferenças. Portanto, os estudos da educação musical internacional são base para estudos comparativos e vice-versa. Daí, neste artigo, tratamos da associação dos dois campos, como usam algumas associações internacionais¹, muitos pesquisadores e como se deu na fundação e instituição da educação musical internacional e comparada na década de 60, principalmente pela International Society for Music Education (ISME).

A obra pioneira no campo da Educação Comparada (EC), considerada de caráter científico, é *Esquisse et vues preliminaires d'un ouvrage sur l'education comparée*, de Marc-Antonie Jullien (1817). Obra na qual o autor aponta os princípios, as regras e as tarefas dessa nova “ciência” (Goergen, 1991).

Definir Educação Comparada é, sem dúvida, uma tarefa difícil, pois não existe um consenso no meio acadêmico sobre o que é Educação Comparada. Existe uma série de definições e outra série de indefinições. Muitos a definem como uma metodologia de investigação, outros como disciplina acadêmica ou como ciência. Ainda há quem afirme que a EC é uma auxiliar do planejamento educacional, em um sentido muito abrangente, pois para planejar, comparamos sempre com outras experiências já vivenciadas por nós mesmos e/ou pelos outros. De fato, ela pode incorporar esta definição enquanto se apresente ou se proponha como tal.

Segundo Coutinho (1989), a Educação Comparada (EC) é uma mistura de tudo isso, uma área extremamente interdisciplinar, localizando-se entre as ciências sociais e a educação, compreendendo os “sistemas educacionais, suas características, problemas e soluções em perspectiva comparada” (p.7), para beneficiar-se das experiências dos outros sistemas educacionais. Muito mais do que como ciência, a EC vem se firmando como disciplina universitária em cursos de graduação e principalmente em cursos de pós-graduação, onde acontece com destaque em países da Europa e dos Estados Unidos (Coutinho, 1989; Debeauvais, [s.d.], e outros). É uma disciplina muito jovem que evoluiu, “partindo do método pré-científico, passando

por um período ‘objetivo-descritivo’”, além de alcançar um nível “analítico-descritivo” (Goergen, 1991:12).

Enquanto disciplina, sem *status* de ciência, portanto, a EC “esforça-se por alcançar esquemas classificatórios capazes de entender o complexo contexto educacional, cultural e social, mesmo tendo que limitar sua abrangência ao âmbito dos espaços pedagógicos” (Goergen, 1991:12).

A EC, segundo Garrido (1996), pode ser definida de três formas: (I) autores como Hilker, Bereby, Noah e Echstein, Tusquets, Marquez, Lê Thàn Khôi defendem uma EC que se limite à “exposição e assimilação de seus fundamentos científicos, com ênfase nos aspectos metodológicos” (p.18); (II) autores os quais afirmam que a EC deve introduzir o aluno o quanto antes possível no estudo descritivo e comparativo dos sistemas educativos, como Kandel, Hans, Ulich, King e Holmes; (III) este grupo é uma derivação do grupo anterior o qual defende que o aluno, além de ser introduzido de imediato no estudo de um sistema educativo, deve ser introduzido em problemas educativos. Segundo Garrido (1996), podemos de uma maneira abrangente descrever seis definições de EC: (1) Não existe uma ciência comparativa da educação, mas sim uma metodologia comparativa, que pode ser empregada pela didática, pela história da educação ou pela organização escolar. A EC é, portanto, um método; (2) Existe um método comparativo de problemas educacionais, o qual objetiva resolver problemas educativos; (3) Mesmo com o método comparativo, o qual não pertence somente à EC, o que define a EC enquanto ciência é o seu objeto, pois o que define a ciência é o seu objeto; (4) A EC é substancialmente geografia da educação e é descritiva; (5) A EC é a história comparada da educação contemporânea; (6) Existe uma metodologia comparativa aplicada aos sistemas educativos operantes no mundo atual. Essa definição é aceita pela grande maioria dos comparatistas, inclusive por Garrido (1986). Conceber a EC nestes termos é adotar como objeto de estudo da EC os sistemas educativos², os quais não são estudados por nenhuma outra ciência da educação.

O estudo desses sistemas educativos, enquanto objeto de estudo da EC, não pode gerar soluções de problemas que tragam no bojo simples imitações, adoções ou transposições. Não se trata simplesmente de copiar “bem sucedidas experiências ou modelos alienígenas” (Oliveira, 1985, p.36). Atualmente a EC é muito mais investigação do que descrição, preocupando-se em “analisar as diferenças políticas e práticas educacionais, não só relativa ao ensino

¹ Como, por exemplo, The Comparative and International Education Society of Canada (CIESC).

² Garrido aqui se refere aos sistemas educativos à luz dos conceitos dos mesmos, de Lê Thàn Khôi, “feitos educativos, problemas educativos” (1996:92).

e às culturas de outros povos, como também as diferentes experiências educacionais e culturais num mesmo país, regiões ou até mesmo escolas de uma cidade” (Oliveira, 1985:36). Ao mesmo tempo, a EC abrange pesquisas sobre a realidade educacional atual, para agir sobre ela solucionando problemas em curto prazo, através de contribuições para política e planejamento educacionais, “ainda que não se limite ao atendimento de convocações governamentais nesse sentido” (Goergen, 1991:13).

Esta afirmação nos leva a questionar a validade e o aproveitamento da EC pelos governos e pelos próprios sistemas educativos. Mas, estando de acordo com os pressupostos de Goergen, acreditamos que existe um “não dito” que corresponde ao papel das mudanças de base, i.e., mudanças em termos de formação do professor. Aqui a EC pode ser de grande valia. Segundo Bonitatibus (1989), Fernando de Azevedo já mostrava tal importância como “elemento de cultura pedagógica” (p.13), para compreender nosso próprio sistema e conhecer as soluções encontradas por outros sistemas a problemas educativos. Na formação do professor a comparação é de grande valor epistemológico, em substituição à experimentação, pois através da experiência alheia podemos solucionar nossos problemas. Bonitatibus (1989:3) afirma que a EC é um

campo de estudo e investigação em educação (...) não propriamente uma disciplina, mas uma área interdisciplinar que se propõe a investigar sistemas educacionais por todo ou em partes de diferentes países ou regiões, abarcando intra ou internacional, um tempo histórico fixo ou em movimento e numa perspectiva, sempre e necessariamente comparativa.

Ao analisarmos o discurso acima, notamos que vários pontos de extrema importância, como a da definição de EC enquanto disciplina, entram em choque com as ideias iniciais deste texto, as quais afirmam que a EC é tratada como disciplina em primeiro plano. Disciplina esta que se reveste do caráter de investigação. Esta, por sua vez, a investigação na EC, não pode estar privada no aspecto descritivo. Portanto, não é só de pura investigação comparativa que se forma a EC, podendo, como em tempos passados e até presentes, simplesmente relatar atividades de outros contextos, com imediatos procedimentos de comparação destes contextos com a realidade vivida. Por outro lado, existem áreas interdisciplinares. O que seria a disciplina História da Educação sem o embasamento filosófico? Ou ainda Anatomia Humana sem a Biologia ou a Química? Portanto, é uma disciplina que, embora tenha

caráter interdisciplinar, trata na ótica comparativa estas disciplinas, i.e., o conteúdo histórico quando utilizado não é puramente histórico e sim histórico-comparativo ou histórico comparado.

Para que serve a Educação Comparada? Quais os benefícios que ela pode trazer para a educação, já que ela vem sendo apontada como disciplina fundamental em muitos cursos de educação? Autores dos mais diversos países afirmam que a função principal da EC é solucionar problemas educacionais concretos tanto para o ensino (formação de especialistas em educação) quando para a “geração de novos conhecimentos que poderão servir de subsídios para a elaboração de uma política e planejamento educacionais melhores” (Goergen, 1991:15).

Para Coutinho (1989:8), a EC proporciona “extrair ligações da experiência alheia, dos erros e acertos, e conseqüentemente, o autoconhecimento do nosso próprio sistema educacional e cultural”. É olhar o outro, observando os sistemas educacionais, métodos, escolas, ideias, processos, práticas, problemas educacionais, para mudar (ou não) os nossos sistemas.

A EC contribui também com o desenvolvimento social porque serve como instrumento auxiliar para os planejadores de ensino, facilitando as resoluções e mudanças, evitando transplantação inescrupulosa, como as de sistemas educacionais norte-americanos para a América Latina que gerou “nos dias atuais o histórico colonialismo cultural e científico da educação brasileira” (Coutinho, 1989:8). Assim, a EC busca a compreensão das diferenças e semelhanças entre sistemas educativos. Entendê-las é compreender como eles funcionam e como são planejados, para solucionar problemas através de reformas para melhorias, desde que se faça uma previsão das possibilidades de sucesso/fracasso na transplantação/reforma. Deve-se analisar, antes de mais nada, a compatibilidade do contexto social com a proposta.

Garrido (1996) afirma que a utilidade da EC vem sendo também muito discutida e são identificados seis pontos de vista distintos. A EC serve para (1) reconhecer e compreender a atuação educativa de diversos povos, países, nações e regiões; (2) compreender melhor seu próprio sistema através do conhecimento de outros sistemas; (3) conhecer e compreender as principais tendências da educação mundial e a eleição de futuros educativos melhores; (4) elaborar e executar reformas e inovações educativas; (5) contribuir na compreensão internacional (eliminando sentimentos etnocentristas, nacionalistas, chauvinistas e imperialistas); (6) prestar assistência técnica aos países menos desenvolvidos. Além disso, Debeauvais (s.d.) cita que a utilidade da EC reside principalmente na

sua colaboração nas “tomadas de decisão de organismos internacionais e de comissões e órgãos nacionais” (p.6). Este autor cita ainda que muitos estudiosos “não gostam que se aborde este aspecto utilitário da EC, mas isto ocorre sempre como que num conflito constante entre pesquisa pura e aplicada” (p.6). Mas é nas reformas que a EC tem maior relevância e desempenho. Segundo Bonitatibus (1989:6), o processo comparativo em educação pode assumir três dimensões: (I) Temporal – análise sincrônica e diacrônica; (II) Espacial – desde a comparação de aspectos dentro de uma mesma escola até a comparação entre países; (III) Metodológica – abrange “princípios de ordem epistemológica e pressupostos de ordem teórica que se refletem (...) no planejamento metodológico”.

Para Epstein (2010), a educação comparada “depende e tem laços fundamentais com os campos da história, da filosofia, e todas as ciências sociais. A educação comparada usa e adapta as teorias, métodos, e perspectivas analíticas das ciências que estudam o ser humano” (p.9). A educação comparada é, portanto, um campo interdisciplinar.

A educação comparada tem, portanto, intenção de contribuir com a solução de problemas educativos que se apresentam na sociedade. Para isso, a principal preocupação que se tem evidenciado no campo da disciplina nas últimas décadas tem sido a relativa às definições sobre o desenvolvimento de um *método* (a denominada metodologia comparada) aplicável para o estudo dos *objetos* específicos (sistemas, instituições, problemas e processos educativos) (Ruiz, 2010, p.17, grifos do autor).

Para Ruiz (2010), uma parte importante das investigações em educação comparada durante o século XX também se baseou “na dita crença sobre o desenvolvimento hierárquico da estrutura social e educativa das sociedades” (p.20).

Educação Musical Internacional e Comparada

A fundamentação da educação musical internacional e comparada está calcada em outras áreas, assim como a própria educação geral e a educação musical. Portanto, a educação musical comparada trata seus objetos de estudo, ou seja, as unidades de descrição, de comparação e de análise, levando em consideração três perspectivas: antropológica, ontogenética e educacional.

A perspectiva **antropológica** tem em vista que a música é considerada com local e espaço definidos, como parte de uma série de condutas ritualizadas. Esta visão busca superar a severa crítica que recebem os métodos tradicionais de ensino da música: sua descontextualização. Por isso, a abordagem antropológica se baseia na interseção da cultura contextual na educação e vice-versa.

A perspectiva **ontogenética** busca traçar a sequência de desenvolvimento musical humano, levando em conta também os aspectos emocionais e subjetivos, ou seja, há uma valorização do âmbito subjetivo, que é aspecto primordial na análise e também no desenvolvimento cognitivo.

A perspectiva **educacional** liga-se a se multiplicidade de formas sistematizadas de ensino da música realizadas em uma série de contextos culturais diferentes. As práticas dessas formas sistematizadas de ensinar são encaradas no passado e no presente, i.e., aspecto diacrônico e sincrônico.

As perspectivas se interpenetram. Uma toca em aspectos da outra e ainda em outras áreas, como a filosofia, a biologia, a história, a neurociências, etc. Daí o aspecto interdisciplinar da educação musical comparativa. Tal aspecto interdisciplinar está presente, inclusive, nas perspectivas de fundamentação indicadas anteriormente: antropológica, ontogenética e educacional.

Na educação musical, desde a década de 60, a International Society for Music Education (ISME) começa a valorizar o campo da Educação Musical Internacional e Comparada com a realização de um encontro internacional com o tema (4º Encontro Internacional da ISME, Viena, 1961) e a publicação de trabalhos, principalmente a obra editada por Kraus em 1962. Esse, sem dúvida, foi o “pontapé” inicial para a instalação e consolidação do campo da educação musical internacional e comparada no mundo. Digo no mundo, pois a ISME é mundial e nos congressos frequentam estudiosos de todos os continentes.

Nas décadas seguintes, alguns estudos foram escritos sobre aspectos da abordagem comparativa em educação musical e muitos artigos e estudos tentavam descrever e analisar práticas nacionais ou locais de educação musical em países e comunidades do mundo, muitas vezes feitos por etnomusicólogos.

Na década de 90 vários pesquisadores da educação musical escreveram e analisaram as práticas de seus países, analisando o currículo, o estado atual, as práticas informais, dentre outros. Muitos desses estudos, na sua maioria não científicos, foram apresentados em congressos da ISME nos últimos 45 anos. Assim, os encontros da ISME são a maior fonte de estudos sobre educação musical internacional e também de alguns poucos estudos comparativos.

No seu último congresso, a ISME divulgou muitas comunicações e pôsteres que tratavam da educação musical em diversos países, embora muitos tratassem de um tema local ou de instituições específicas, um tipo de estudo de caso, não abordando um aspecto nacional³.

A ISME publica permanentemente uma revista: *The International Journal of Music Education (IJME)*⁴, editado quatro vezes por ano e contendo foco (determinado tema) em cada edição, como, por exemplo, educação musical infantil, música e sociedade, educação musical especial, educação instrumental, educação musical escolar, etc. Em fevereiro e agosto a revista trata do foco “pesquisa”. Nas edições de maio e novembro o foco é “prática”. No início e em alguns números, o IJME chegou a apresentar estudos internacionais e comparativos. Como exemplo podemos citar os estudos: (1) “Didaktik of music: a German concept and its comparison to American music pedagogy” (Kertz-Welzel, 2004); (2) “Inclusive pedagogies in music education: a comparative study of music teachers’ perspectives from four countries” (Burnard, P.; Dillon, S.; Rusinek, G.; Sæther, E., 2008), envolvendo Inglaterra, Austrália, Espanha e Suécia. Mas a educação musical internacional e comparada não é objetivo do jornal. Falta um jornal específico para esse campo, como encontramos na educação internacional e comparada em outras nações. Em alguns países existem sociedades e associações de educação comparada e de educação internacional e comparada. Acredito que falta pensar sobre isso no Brasil.

Existem, fora do Brasil, livros e capítulos sobre educação musical comparada. Um deles é considerado como “clássico”. Obra prima e pioneira do campo da educação musical internacional e comparada, uma vez que trata da educação musical em vários países e também de vários artigos que abordam o aspecto comparativo em educação musical. É o livro editado por Egon Kraus, já citado anteriormente, intitulado “Comparative Music Education” (1962), publicado pela ISME/B.Schott Söhne. Esta publicação é resultado do IV Encontro Internacional da ISME, realizado em Viena, em junho de 1961, que tinha como tema a educação musical internacional e comparada (Kraus, 1962).

Entre os capítulos de livros, que considero também clássicos, estão: Kemp, Anthony; Lephherd, Laurence. *Research methods in international and comparative music*

education (1992) e Lephherd, Laurence. *Investigación Comparativa* (1992)⁵.

Alguns artigos aparecem em diversas revistas internacionais. Um dos maiores artífices da educação musical comparada é Randall S. Moore, da School of Music – University of Oregon, o qual possui uma série de pesquisas publicadas utilizando o método comparativo em educação musical⁶. (ver Referências deste artigo).

Sobre Educação Musical Internacional, como já foi dito, os congressos da ISME são a maior fonte de divulgação de estudos sobre esse tema. Um livro clássico do campo da Educação Musical Internacional, que influenciou o campo da Educação Musical, é “International Education. A documentary History”, editado por David G. Scalon através da Columbia University em 1965. Livro fundamental, ainda hoje, para o conhecimento da Educação Internacional.

No Brasil encontramos somente uma publicação que trata da comparação em educação musical, nos termos específicos do método comparado de educação musical, o estudo de Mota e Figueiredo, “Estudo comparativo sobre a formação de professores de música em Portugal e no Brasil”, publicado em 2012.

Breves Conclusões

Verificando os aspectos das práticas da educação musical internacional e comparada podemos estabelecer afirmações conclusivas referentes aos pontos relevantes descritos e também fazer algumas recomendações para o caso brasileiro. Portanto, a situação brasileira pode ser ligada a alguns pontos da prática de outros países (semelhanças), bem como as diferenças, e, além disso, mostrar os pontos relevantes na Educação Musical Internacional.

As recomendações que podem ser dadas para os investigadores que se interessem pela educação musical internacional e comparada devem ser iniciadas com (i) a proposição de ferramentas que intervenham, através da música e suas aplicações, na educação musical em diversos contextos culturais; (ii) desenvolvimento de técnicas e procedimentos de análise teórico-prático dos contextos educativo-musicais inseridos na cultura presente.

³ ISME. 31st World Conference of the International Society for Music Education. Sessions: spoken papers, workshops and symposia. Porto Alegre, July, 2014; ISME. 31st World Conference of the International Society for Music Education. Posters sessions. Porto Alegre, July, 2014.

⁴ International Journal of Music Education está disponível eletronicamente no site <http://ijme.sagepub.com>.

⁵ Edição em espanhol: LEPHERD, Laurence. *Investigación Comparativa*. In: Kemp, A. *Aproximaciones a la investigación en educación musical*. Traducción de Ana Lucia Frega e Dina Poch de Grätzer. Buenos Aires, Collegium Musicum, 1993.

⁶ Moore, Randall S. (1981), Sims, W. L., Moore, R. S., & Kuhn, T. L. (1982); Moore, R. S. & Kemp, A. E. (1991); Moore, R. S., Fyk, J., Frega, A. L., & Brotons, M. (1995/96), Moore, Randall S. (1996), Moore, Randall S. (1998), Moore, R.S., Brotons, M., Fyk, J., & Castillo, A. (1997).

Essas recomendações devem seguir o método comparativo em educação musical, levando em conta a descrição e análise dos principais espaços onde estão presentes atividades de ensino da música. Além disso, é necessário refletir sobre os problemas musicais e educativo-musicais como dependentes da cultura a qual se vinculam. É fundamental conhecer e interpretar o processo de ensino e aprendizagem da música em seus diversos âmbitos de aplicação e levar em conta os aspectos interdisciplinares com áreas afins, como a área psicológica, a antropológica, a sociológica, a filosófica, a biológica, dentre outras, extremamente relevantes para o desenvolvimento do processo comparativo em educação e em educação musical.

Com isso, pode-se pensar na adoção, na prática pedagógica, de diferentes abordagens didáticas que sejam baseadas nas análises realizadas nos estudos internacionais e comparados. Claro que com sua devida contextualização. Isso garante, que ocorra o questionamento das práticas de educação musical levando em conta os fundamentos das disciplinas teóricas e práticas auxiliares (etnomusicologia, musicologia, biologia, sociologia, filosofia, antropologia, psicologia, história, entre outras), bem como as perspectivas antropológica, ontogenética e educacional.

Referências

Educação Internacional e Comparada

- Bonitatibus, Suely G. (1989). *Educação Comparada. Conceito, Evolução, Métodos*. São Paulo: 1989.
- Coutinho, J. M. (1989). Fazer Educação Comparada: Função de Todos os Educadores? *RPC Universo Pedagógico*, Ano II, No. 2, Universidade Federal do Espírito Santo, Março, p.7-15.
- Debeauvais, M. [s.d]. O papel das comparações internacionais e da Educação Comparada nas reformas da educação. *Notícias SBEC*, [s.e.], p.15-21.
- Debesse, M.; Mialaret, G. (1972). *Traité des Sciences Pédagogiques*. No.3. Paris, Press Universitaires de France.
- Epstein, Erwin H. (2010). Huellas vitales en el desarrollo epistemológico de la educación comparada. In: Leal, Marco Aurelio Navarro (Coordinador) (2010). *Educación Comparada: Perspectivas y Casos*. Victoria, México: Sociedad Mexicana de Educación Comparada. p. 9-17.
- Garrido, J.L. (1996). *Fundamentos de Educación Comparada*. Madrid, Dykinson.
- Goergen, Pedro L. (1991). Educação comparada a uma disciplina atual ou obsoleta? *Pro-posições*, 2(3), p. 12-23.

Oliveira, Mabel T. (1985). A relevância de estudos comparativos para alcançar uma identidade nacional. *A educação na França Hoje*. [s.e.], [s.l.].

Ruiz, Guillermo. (2010). La comparación en la investigación educativa. In: Leal, Marco Aurelio Navarro (Coordinador) (2010). *Educación Comparada: Perspectivas y Casos*. Victoria, México: Sociedad Mexicana de Educación Comparada. p. 17-38.

Scalon, David G. (1965). *International Education. A documentary History*. Second Printing. New York: Columbia University.

Educação Musical Internacional e Comparada

Cykler, Edmund A. (1969). Comparative Music Education. *Journal of Research in Music Education*. Vol.17, No.1, Spring, p.9-16.

Ho, Wai-Chung; Law, Wing-Wah. (2006). Challenges to globalisation, localisation and Sinophilia in music education: A comparative study of Hong Kong, Shanghai and Taipei. *British Journal of Music Education*. Vol. 23, No. 02, July 2006, pp 217-237.

Kemp, Anthony; Lephherd, Laurence. (1992). Research methods in international and comparative music education. In: Colwell, Robert. *Handbook of research in music teaching and learning*. New York, Schirmer Books, p.773-788.

Kertz-Welzel, Alevandra. (2004). Didaktik of music: a German concept and its comparison to American music pedagogy. *International Journal of Music Education*. December 2004, vol. 22, No. 3, pp. 277-286.

Kraus, Egon. (1962). *Comparative Music Education*. Mainz: ISME/ B. Schott Söhne.

Lephherd, Laurence. (1992). Investigación Comparativa. In: Kemp, A. *Some Approaches to Research in Music Education*. Reading, ISME, Ed.ISME N.5.

Mateu, Maria Cateura. *Por una educacion musical en Espana: Estudio comparativo con otros países*. (1992). Tesis Doctoral. Universidad de Barcelona. Facultad de Filosofía y Ciencias de la Educación.

Moore, Randall S. (1981). Comparative Use of Teaching Time by American and British Elementary Music Specialists. *Bulletin of the Council for Research in Music Education*. No. 66/67, ISME. Report of the Eighth International Seminar on Research in Music Education (Spring - Summer, 1981), pp. 62-68

Moore, R. S. & Kemp, A. E. (1991). Effects of Nationality and Gender on Speaking Frequency, Singing Range and Preferred Tessitura of Children from Australia, England and the United States. *Canadian Music Research Journal*, 33, 149-156.

Moore, Randall S. (1996). Influences of culture, age, and melodic structures on skills of learning a new song by children from England, Panama, Poland, Spain, and the United States. Co-authored with Janina Fyk, Melissa Brotons and Argelis Castillo. Invited research paper at the International Society for Music Education Research Commission Seminar in Frescati, Italy, July 1996 and the ISME World Congress in Amsterdam, July.

Moore, Randall S. (1998). Identification of Animals in Carnival of the Animals by Children from England, Japan, Korea, Spain, and the United States. Co-authored with Joan Cutler, Myung-Sook Auh, Hiromichi Mito, & Melissa Brotons. Invited paper for the International Research Seminar of ISME in Johannesburg and World Congress of ISME in Pretoria, South Africa in July.

Moore, R.S., Brotons, M., Fyk, J., & Castillo, A. (1997). Effects of culture, age, and repeated trials on rote song learning skills

of children 6-9 years old from England, Panama, Poland, Spain, and the United States. *Bulletin for the Council for Research in Music Education*, 133, 83-88.

Moore, R. S., Fyk, J., Frega, A. L., & Brotons, M. (1995/96). Influences of culture, age, gender and two-tone patterns on interval matching skills of children from Argentina, Poland, Spain, and the United States. *Bulletin for the Council for Research in Music Education*, 127, 127-135.

Mota, Graça; Figueiredo, Sérgio. (2012). Estudo comparativo sobre a formação de professores de música em Portugal e no Brasil. *Educação*, Santa Maria, v. 37, n. 2, p. 273-290.

Sims, W. L, Moore, R. S., & Kuhn, T. L. (1982). Effects of female and male vocal stimuli, tonal pattern length, and age on vocal pitch-matching abilities of young children from England and the United States. *Psychology of Music*, 10(1), 104-108.